

PERCURSOS ARTÍSTICOS-GEOGRÁFICOS: HÁ MUITAS HISTÓRIAS PARA SE CONTAR E CARTOGRAFAR

Artistic and geographical routes: there are many stories to tell and cartograph

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos¹

RESUMO

Ao entrelaçar o fazer artístico com o fazer geográfico, o autor traz a experiência e o corpo como fios primordiais para essa tessitura de fazeres. O trabalho trata da arte de contar histórias em contexto urbano motivada pelo interesse em escutar e narrar para se relacionar e interagir com as experiências espaciais nas cidades. O corpo narrador, também pesquisador em geografia, conta o seu processo e percursos que o levaram a sua investigação acadêmica, expondo algumas das questões que o acompanham tais como: quais histórias as cidades podem nos contar para além daquelas estabelecidas oficialmente? Quais narrativas que as pessoas do cotidiano, os seres, os monumentos, e as edificações despertam nos nossos imaginários? E aquelas pessoas que fazem a cidade acontecer e ficam às suas margens nos apagamentos estruturais, quais são suas histórias? Com essas perguntas e percorrendo de bicicleta as paisagens da cidade, em sua geograficidade, o autor escuta histórias e, num gesto cartográfico, as narra.

Palavras-chave: Experiência. Geoarte. Processos artísticos.

ABSTRACT

By intertwining the artistic making with the geographical making, the author brings the experience and the body as primordial threads for this "fabric" making. The work deals with the art of storytelling in an urban context motivated by the interest in listening and narrating to relate and interact with spatial experiences in cities. The narrator body, also a researcher in geography, tells his process and paths that led him to his academic research, exposing some of the questions that follow him such as: what stories can cities tell us beyond those officially established? What narratives are awake by ordinary people, beings, monuments, buildings in our imaginaries? And those people who make the city happen, who are kept in silence and smashed by hierarchical structures, what are their stories? With these questions and cycling the landscapes of the city, in its geographicity, the author listens to stories and in a cartographic gesture narrates them.

Keywords: Experience. Geoart. Artistic processes.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia UFPR. cecinelli@hotmail.com.

✉ Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100, Ed. João José Bigarella, sala 303, Jardim das Américas, Curitiba. 81530-900.

Percurso artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Este trabalho tem em seu cerne alguns questionamentos que venho fermentando ao longo dos últimos dois anos na interface das experiências de alguém que conta histórias e que vem desenvolvendo uma investigação no âmbito da Geografia. Esses questionamentos têm sido acrescidos do desejo de que possam ganhar um caráter mais experiencial, uma vez que estão encarnados no formato de um texto. Essas motivações foram suscitadas por Larrossa (2020) em seu texto “Uma língua para a conversação” quando ele mesmo começa a questionar a possibilidade da escrita acadêmica sobre a experiência se não for “com experiência”, no sentido de esta estar impregnada na linguagem ali presente.

Se a linguagem da crítica elabora a reflexão do sujeito sobre si mesmo a partir do ponto de vista da ação, a linguagem da experiência elabora a reflexão de cada um sobre si mesmo a partir do ponto de vista da paixão. O que necessitamos, então, é uma linguagem na qual seja possível elaborar (com outros) o sentido ou a ausência de sentido do que nos acontece e o sentido ou a ausência de sentido das respostas que isso que nos acontece exige de nós (LARROSSA, 2020, p.68).

É claro que isso não é simples, e nem mesmo ele o encontra na facilidade, há uma série de barreiras e desafios que encontramos e podemos dialogar nesta tentativa. É nesta tentativa de desafio, que me proponho neste trabalho. O que desejo é fazer um percurso contigo que me lê, que poderia ser um interlocutor de escuta, assim como numa caminhada ou mesmo numa pedalada (que tanto gosto de fazer) por uma espacialidade, que aqui será povoada por estas paisagens-reflexões-questionamentos que se tornam companheiras nestas jornadas dos últimos anos para pensar sobre as relações entre a arte de contar histórias e a geografia. Adentrar os caminhos desses entrelaçamentos que estabelecem tais relações é uma forma

de explicitar os modos como venho investigando e desenvolvendo a pesquisa, uma forma de compartilhar com vocês este andar, e revelar os desafios, descobertas e o que não se sabe ainda. Aqui não estou para estabelecer uma metodologia replicável, e sim mostrar o caminho que se constrói caminhando e sugerindo que também a produção de conhecimento pode se dar neste sentido quando estamos lidando com campos muito mais frágeis, que se é quando tentamos traçar as relações entre áreas a partir da e com a experiência, que aqui, repito mais uma vez, é sobre a narração de histórias e a geografia, porque se há muito o que contar e cartografar.

Como disse antes: este trabalho é como uma caminhada em que se conta histórias. Como em estruturas literárias que aparecem em algumas epopeias em que os personagens saem em busca de algo e ao longo da aventura vão conversando, narrando fatos de tempos imemoriais ou acontecimentos pessoais. No grande poema épico do poeta persa Farid ud-Din Attar (1991) “A Linguagem dos Pássaros” um grande grupo de pássaros atravessam os sete vales para encontrar o maior de todos os pássaros, o Simorg. Mas como o caminho é tortuoso, longo e difícil, durante a viagem, esses pássaros contam histórias para si mesmos. Mais do que chegar ao objetivo final da viagem, é a experiência e os aprendizados ao longo do caminho que a tornam viagem. Carrière (1998) aponta a importância dessas narrativas e suas fundações ontológicas e quanto a ausência de certa eficácia para se chegar ao fim, tão demandada em nossa atualidade, provoca nas personagens deste tipo de narrativa, uma abertura para o imprevisível e o desconhecido. Provoca aberturas para se abrir a experiência. Seguirei neste intuito por aqui por meio da partilha das experiências, das histórias e no aceite do convite provocado por Larrossa (2020) **com a experiência**. E por isso quero apresentar um pouco do caminho que iremos seguir por estas paragens, e adianto

Percurso artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

que este caminhar é um convite à contemplação, escuta, reflexão, sem pressa de sair correndo por atalhos ou mesmo para se perder sem fôlego – porque há espaço para se perder e se achar: na **entrada do caminho** adentrarmos em licença na escuta dessas vozes do contar que fazem o existir acontecer, que nos fazem acontecer; em seguida me permitirei uma parada para abrir pequenas **caixas de memórias** pessoais e outras transbordadas; depois andamos um pouco para alcançarmos uma **clareira** e olhar bem os contextos que “entretexuam” essa caminhada; depois dessa parada pegamos uma **descida** bem íngreme para ver em velocidade e equilíbrio, e escutar essas vozes que nos contam poeticamente em paisagens duras que habitamos por horizontes expandidos; e lá no finalzinho, na **encruzilhada**, – se é que podemos dizer que é um final –, nos despedimos, mas deixando em aberto algumas coisas, para seguirmos ainda. Estou aqui, neste convite para ti, como uma voz que caminha ao teu lado para que possamos, nesta tentativa, fazer esse percurso lado a lado em vontade de ser uma experiência de escuta, narração e compartilhamento, como histórias que nos constituem. Sigamos.

ENTRADA DO CAMINHO

Sou rueiro, gosto e sinto o desejo de estar de corpo pleno na rua, andando e/ou pedalando, na travessia disso que chamam de rua que é um caminho contornado por experiências de mundo. Sou andarilho que gasta sapatos e forma calos nos pés de tanto andar. Sou ciclista que gasta muito pneu e pastilhas de freio. Alguns de nós somos os dois, ou só mais um deles, e outros mais imaginariamente um ou outro. Porque há muitas ruas. Há muitas possibilidades de ruas. Há muitos jeitos de ruas serem ruas: chão de terra batida, paralelepípedos, pedrinhas, asfalto, cimento, concreto, folhagem seca, madeira, e há

aquelas que são os caminhos de água, oníricas, imaginadas, enfim, há inúmeras formas das ruas serem expressas como caminhos que conectam lugares, sentimentos, memórias, seres, e portanto, histórias.

Quando se deseja botar o corpo na rua, é sobre o desejo de estar nesse espaço do percurso, do caminho, é sê-la, que também se torna um sentimento encarnado sobre este lugar que é esse entre, que é estar entre campos e conhecimentos, ou mesmo estar entre linguagens. Quando se é/está rua o corpo fica povoado de histórias, desejos, sonhos e vontades, tornando-se algo que é o entre, que não é isto ou aquilo, mas um algo que se dá e se toma por e para se conhecer. Este corpo que aqui fala contigo, encarnado em palavras em texto, vem dessas experiências em rua, em percurso. O que te conto não é segredo, é declarado e conhecido: sou contador de histórias. Conto histórias. Oliver Sacks (apud CARRIÈRE, 1998, p. 11), um neurocientista, diz que o que nos caracteriza como humanos é a nossa capacidade de poder contar histórias, porque assim temos essa capacidade de falarmos sobre a nossa condição de ser humano e nos reconhecermos em nossas existências. Em contraponto, para além de um pensamento antropocêntrico, para algumas pessoas de povos originários, tudo que existe tem história para contar (PAPPIANI, 2009), basta escutar, porque tem vida. Bill Neidjie (1989, p. 22-23) diz:

Terra... exatamente como seu pai ou irmão ou mãe, porque você vai à terra, você se torna terra, seus ossos... porque seu sangue é terra aqui. A árvore é a mesma coisa. Ela está te vendo e você diz “Oh!”. Aquela árvore te escuta, “E você?”. Ela não tem dedo, não pode falar, mas sua folha está pulsando ela.²

² Tradução livre de: “Earth...exactly like your father or brother or mother | because you got to go to earth | you got to be come to earth, | your bone...because your blood in this earth here. | Tree same thing. E watching you. | You look tree you say... | “Oh!” | That tree e listen to you, what you! E got no finger, e can't speak | but that leaf e pumping his”.

Percurso artístico-geográfico: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Fico com as palavras de Bill e converso com minhas irmãs árvores da rua que moro. Outro dia, enquanto bordava no coletivo Bordado Solidário, uma das artistas, Luci Wapichana, me falava em voz baixa, “essa parede a nossa frente tem suas histórias, basta a gente parar para escutá-la”.

CAIXAS DE MEMÓRIAS

Os caminhos que me levaram para me tornar contador de histórias foram pelos meios profissionais, dentro da formação artística. Sou gente desses tempos. Não venho de uma tradição oral. Estava ali na faculdade de artes cênicas quando a partir de encontros com mestras e mestres narradores como Inno Sorsy (2013) e Eric Tarak Hammam, tive a oportunidade de olhar para essa capacidade de um outro jeito. Um dia estava diante de um público contando histórias, e me reconheci como contador de histórias, colocando em palavras e gestos toda uma sequência de imagens de uma narrativa que era e é memória coletiva. Me reconheci como contador de histórias, na partilha das experiências quando ao ouvir alguém que relatou um acontecimento, lembrei de uma história de tradição oral que conhecia e a contei para ela. Era uma vontade de compartilhar algo que se parecia com o que aquela pessoa tinha vivido. Algo que provinha do coletivo e se relacionava com o particular. Benjamin (2016) nos alerta da urgência que circunda as pessoas que narram histórias. Elas compartilham experiências que por mais que sejam suas biografias, extrapolam suas experiências pessoais e falam do coletivo, carregam consigo uma necessidade ontológica de compartilhamento da própria experiência de existir. Campbell (1995) ao ter se debruçado ao longo de sua obra em que estuda distintas mitologias e cosmovisões percebe a presença de estruturas de conflitos e temas, que se repetem ou são muito parecidos. No entanto,

os contextos socioculturais acabam por delinear as diferenças entre essas narrativas. Como se as histórias são essas memórias coletivas que fazem parte do imaginário comunitário, ganhando contornos e cores de acordo com seus tempos e contextos socioculturais, que urgem para serem contadas. Elas são as representações de um espaço-tempo, de um grupo social, de uma comunidade, contam sobre as relações entre classes sociais, mantêm ordens de poder, ou sugerem caminhos de ruptura. São essas memórias que pertencem a todos nós e que ao longo do tempo, se seguirmos contando essas estruturas narrativas, iremos dar elementos e outros trejeitos em consonância com os contextos que estivermos dentro dos agrupamentos humanos que estivermos. Saliento aqui a capacidade das histórias de serem meros veículos de manutenção do poder e de hierarquias, em contraponto à potência transformadora e irruptiva que elas também têm. Ao me deparar como contador de histórias diante do público sou também, em encontro, responsável por abrir esse caminho para que as imagens possam escorrer como num rio de histórias. Ouvintes e narradores são contornos para essas águas. Claro que somos todos responsáveis pelo encontro, mas cabe a nós, aquelas pessoas cuidadoras das palavras, não sermos ingênuas ou tampouco abusar do nosso poder sobre elas. Palavra-gesto precisa voar com raízes nesse mundo.

Com as conexões e escuta sobre o que estamos vivendo, com quem estamos, e quais os conflitos que vivemos enquanto coletividade planetária. Quando alguém conta uma história, num palco, na biblioteca, na praça, debaixo da árvore, no carinho ao encaracolar o cabelo de outrem, sussurrando ao pé do ouvido, ninando para dormir... arrancando gargalhadas ao redor da mesa... Quando alguém conta histórias, as palavras faladas, os gestos coreografando o invisível, podem despertar os nossos sentidos para as nossas existências e assim experienciar. Algo pode nos

Percursos artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

acontecer, “nos acontecer”, “nos acometer”, “nos fazer sofrer”, “nos afetar” (LARROSA, 2002). Como também não pode nada disso e simplesmente pode adormecer e anestesiar os sentidos para o desejo pela vida.

Conto para vocês, que certa vez, ensaiava na casa dos meus pais uma história que tinha acabado de aprender. Foi lá nos primórdios sobre isso que é contar histórias para mim. Estava dando os meus primeiros passos com um conto do escritor francês Olivier Douzou (1993) que se chama “Jojo, la mache”. Tínhamos feito com meu grupo³ uma adaptação dessa história, e havia também um tapete para contá-la. Algumas das histórias que conto, são com tapetes feitos de tecido e com bordado e costura. Com o tapete da história da Jojo estava na sala da casa dos meus pais. Cedinho comecei a ensaiar e contar ali na sala... minha mãe acordou assustada e foi até lá e riu. Me interrompeu:

– Achei que estava sonhando, que o tempo tinha voltado para tua infância, e lá estava brincando aqui de novo! E seguiu rindo.

Nos meus vinte e pouquinhos anos fiquei constrangido e ri também. Mas me dei conta com um gozo dentro de mim que disso que falo que é contar, de nos lembrar de nossa experiência de existir enquanto ser sendo, tem muita relação com brincar. Porque quando a gente conta a gente brinca e faz de conta. Há mais dois detalhes sobre essa situação que preciso explicitar: o primeiro deles é que o tapete da Jojo, feito por Eric T. Hammam, tem a imagem de uma vaca, e as partes do seu corpo parecem corpos celestes, a sua cauda remete a uma estrela cadente, seus chifres a uma lua crescente, suas tetas a um sol nascente, e suas

manchas a nuvens. E o segundo detalhe é que fizemos uma adaptação para a história de Douzou (1993), mesclando memórias das nossas infâncias, que conto agora:

Quando criança, um dia, minha avó me chamou para ir em sua chácara dizendo que tinha um animal de estimação para me presentear. No caminho fiquei imaginando o que seria! Assim que chegamos na casinha que ficava perto da horta ela me disse abrindo a porta: “Eis aqui a Jojo! Tua vaca! Ela está aqui no mundo desde o início dos tempos! Cuide bem dela”. E eu a olhei com admiração porque tinha um par de chifres como a lua, olhos pretos como azeitonas, manchas por todo o seu corpo, tetas gorduchas e um rabo que a ajudava a espantar moscas. Saíamos todas as manhãs para passear pelo jardim, conversávamos olhando o poente e ela sempre me respondia “Muuuuuuuuuuu”. Mas um dia uma coisa estranha aconteceu... quando eu a retirei da casinha para passear... ela estava triste... olhando-a bem... seus chifres tinham se escafedido. Fiquei intrigado, mas não dei muita bola, fiz um carinho nela e saímos. No outro dia ao entrar na casinha, vi um monte de moscas rondando a Jojo... o rabo dela tinha sumido e elas a estavam importunando! Peguei um abanador e espantei todas elas! Fiz um carinho e fizemos tudo que sempre fazíamos. Na outra manhã quando cheguei para ordenhar... as tetas desapareceram... e a partir daquela manhã nunca mais tomamos o leite da Jojo... Ela estava triste e resolvi deixá-la no cantinho dela. No dia seguinte ao entrar na casinha, a Jojo estava toda encolhida e envergonhada, porque suas manchas tinham evaporado. Rápido peguei uma colcha, a cobri e fiquei do seu lado fazendo carinho. Mas foi no outro dia que não encontrei a Jojo na casinha... Procurei por todos os lugares imagináveis e inimagináveis, perguntei à vizinhança se a tinham visto, mas ninguém tinha notícias dela já tinha um tempo. Corri até o fim da estrada e voltei quando anoiteceu. E foi lá, no alto da Via-Láctea, que vi um pouquinho da minha Jojo brilhar com seus chifres-Lua, seu rabo-cadente para fazer pedidos e nuvens-manchas enevoarem o céu. Maravilhado não dormi e esperei o sol-tetas resplandecer no horizonte. Por isso, desde esse dia, toda vez que sinto saudades da Jojo, eu olho para o céu, tanto de dia quanto de noite.

³ “Meu grupo” se refere ao trabalho que desenvolvo com o grupo “Os Tapetes Contadores de Histórias”. Fundado em 1998 no Rio de Janeiro (RJ), o grupo é formado por contadores de histórias, atores, artistas educadores e têxteis, que contam histórias e desenvolvem projetos de narração artística com objetos feitos de tecido, costura e bordado que representam partes da narrativa apresentada.

Percursos artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Essa mesma história da Jojo, tantas vezes contada ganha contornos e sentidos tão diferentes na vida. Ao longo dos anos a experiência pessoal da morte entrelaçou-se com a daquela vaca de estimação. Ou se entrelaçou com contextos em que o público estava vivendo lutos diários com mortes dentro da comunidade – a história apareceu como uma forma de começar a elaborar a perda. Certa vez um grupo de crianças que narravam na sua sala de aula mortes violentas geradas pelo conflito armado entre polícia e tráfico numa comunidade periférica carioca, tive que escutá-las exaustivamente para que pudessem desaguar tanta morte vivida. Contraditoriamente a tanta dor, havia um gozo em narrar o horror, e só depois quando já não tinha a menor graça aquilo tudo, é que o riso sobre as perdas da Jojo parecia reencantar o estado de ser criança diante de tanta violência produzida pelo estado. Acho que reencantava... nem que fosse por alguns instantes. Quando contamos fazemos esse jogo de trazer o passado para o presente, atualizado na vocalização, no aqui e agora, num jogo de brincar com a vida e a morte das coisas, como numa encantaria, capazes de transformações sobre os cotidianos e reencantamentos, não daqueles de nos tirar da realidade, mas sim para um ver, rever e abrir perspectivas para além, de forma expandida. Quando contamos histórias, ou quando as escutamos, não seriam essas reconexões que buscamos? Não é sobre isso que Luci, enquanto bordávamos, falava sobre a parede à nossa frente, “se você parar para escutar, ela tem algo para nos contar”? Quando escuto Luci, essas crianças, a parede, Bill com suas falas transcritas, e outras tantas vozes, me pergunto quais as histórias nos estão sendo contadas e não escutamos perdidos no cansaço do cotidiano? Ou que não escutamos porque são silenciadas às margens do cotidiano da história e da sociedade? Em quantas margens das cidades, nas esquinas, nos rios cobertos e invisíveis, nos prédios abandonados, nas pessoas que fazem o dia acontecer,

nas árvores que marcam o calendário e denunciam o cataclisma, não escutamos as narrativas?

Na distopia de Ray Bradbury (2012) “Fahrenheit 451”, bombeiros eram acionados para incendiar livros, perseguir traidores do sistema, enquanto as histórias da literatura escrita eram transformadas em cinzas. Grupos de resistência, quando conseguiam escapar, viviam escondidos nas florestas, longe das cidades, e cada um se tornava um livro em pessoa, para tornar-se a memória viva de uma obra literária. Alguém se tornava “O Idiota”, outro “Dom Casmurro”, alguém “Água Viva”. Depois os livros eram descartados para não restar nenhuma prova que os denunciasse. As pessoas se tornavam parte dessa biblioteca criada pela humanidade.

CLAREIRA

Em grupos de povos originários as pessoas são bibliotecas inteiras, fontes inesgotáveis de conhecimento, são responsáveis pelas transmissões dos saberes e das memórias, passadas de geração em geração (PAPIANI, 2009). Quando uma dessas pessoas é assassinada ou morta pelo modo de vida que vivemos, pelo modo de vida que nos é imposto, se vão ali os saberes e as possibilidades de transformação. Fico pensando nas florestas e a constante fala de que os povos da floresta são responsáveis pelo cuidado e preservação, porque estes mesmos grupos são esses lugares, se dizem como esses espaços. Essas pessoas são seus lugares-território-paisagens. Suas compreensões e visões de mundo abrem a possibilidade de compreensão de que seus corpos são também o espaço que as circunda, indo ao encontro de poder pensar a geograficidade dessas populações em consonância com o que Dardel (2015) nos propõe. Há uma integração do estar no e com o mundo.

Percursos artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Daí que não desejo cair numa fala romantizada e dicotômica entre cidade e floresta, rural e urbano, não mesmo. Entendo as diferenças dos caminhos do vir a ser, do tornar-se. Mas quando penso na nossa comunhão com os espaços da cidade, será que não deveríamos repactuar com elas? Será que as cidades, também não poderiam ser relidas como espaços de potências para um habitar poético, em resposta ao avassalador e violento processo de precarização que vivemos em seus espaços?

Não venho de nenhuma tradição oral, nasci na cidade grande, na complexidade de uma megalópole latino-americana: no Rio de Janeiro, no meio do burburinho do purgatório da beleza e do caos. Foi nessa cidade que fui forjado como gente, no meio da confusão de uma imensidão, construída em cima do medo, da desigualdade, do conflito armado, da miséria e do riso sobrevivente do carioca, que ri alto para espantar a dor de sobreviver. Esta é uma mesma cidade que carrega muitas outras cidades dentro dela. Quando pequeno escutava as histórias da minha família classe média tijuca, (ressalto: classe média e tijuca), do bairro da Tijuca, que por sua geografia está próxima ao centro da cidade, separada da zona sul da cidade por um morro, e por conta disso se acha a zona sul da zona norte. Mas isso é o que a gente aprende, esse jeito mediano de classe média tijuca. E isso, a gente não precisa manter, de jeito nenhum... Pode ser diferente.

As histórias, chegaram até a mim pela literatura escrita também... foi lendo que pude experienciar mundos outros, e imaginá-los. Tive esse privilégio. Reconheço isso. Até porque foi na biblioteca da escola, na infância e pré-adolescência o refúgio para uma criança viada (num Brasil dos anos 1980 e 1990, no pós-ditadura) que tinha medo de ser mais uma vez olhado, apontado, ou mesmo servir de piada. Ser criança viada me levava para a biblioteca, para atravessar muros e mundos imaginários, onde eu podia sentir tesão pelo príncipe da história

(claro que eu estava iludido com a história patriarcal que as histórias podem ter, muitas vezes elas podem ser apenas um instrumento de conservação de um discurso hegemônico). Esse mesmo corpo em formação procurou nas artes espaço de refúgio e contraditoriamente, exposição. Era no Colégio Pedro II, no encontro com o pessoal do grupo de teatro, que mais do que nunca pude experimentar na adolescência percorrer a cidade de uma ponta a outra, reconhecendo as quebradas, os problemas, as dores e, por que não, as belezas dos muitos Rios de Janeiro. Estas muitas cidades atravessam este sujeito e outros tantos de tantas formas, estes muitos rios escorrem ainda por aqui em experiências muitas. E esse adolescente que cresceu desengonçado e descobre pelo convite das artes cênicas as potências, limites de um corpo. Aquele mesmo corpo de criança viada que cresce envergada pelo medo e curvada diante da vergonha. Esse mesmo corpo de criança viada que também pode ser considerado como um espaço (SILVA, 2022), e que encontra refúgio em si e nos lugares que a consideram como uma possibilidade de existência, diante do medo e da opressão constante do que é estar em luta ou disputa para se ser o que se é. E isso porque estou falando de um medo e opressão de uma pessoa lida pelo mundo como “homem” e “branco”... Outras envergaduras curvadas são muito mais doloridas num mundo racista, lgbtfóbico, machista e misógeno.

E esse mesmo corpo vai aprendendo a fazer curvas e não se encurvar, a se entortar para não ser endireitado. Como as plantas que nos ensinam a encontrar caminhos para crescer, como erva daninha, que de daninha não tem nada, porque pode ser planta que cura. Como planta, nossos corpos podem desobedecer, se encurvar em dança e gesto diante do mundo em coletivo. É um esforço desviar para estar em vida. Porque a planta também sabe. No jardim que cuido vejo. Ela me ensina pela sensibilidade e escuta de estarmos juntos.

Percurso artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Ao me reconhecer como contador de histórias (o que não é algo garantido e posto, como o ganho de um selo e pronto, e que se dá pelo trabalho constante, no encontro, na escuta, e principalmente, contando), venho me perguntando sobre quais histórias contar para esses tantos mundos que se apresentam no agora. Como se colocar em escuta para as histórias que estão para serem narradas pelas árvores, rios, morros... quais histórias nossas ruas, cidades dentro das tantas cidades nos têm para contar?

DESCIDA

Contei sobre essas minhas histórias de ser tijucano, infância, escola, e dos muitos rios de janeiros que escorrem e se represam dentro e fora, para falar que é dessa forja que sai esta narração de histórias, que são nos caminhos desviantes e mesmo do refúgio que aparece este contador de histórias. Mas como disse antes, não venho de uma tradição oral, sou contador de histórias em contexto urbano (PAPIANI, 2005), somos muitos em situação parecida. Muitos mesmos! E isto vem sendo debatido por colegas de profissão, tal qual o pesquisador e contador de histórias Giuliano Tierno (2017). Tierno (2017) vai pensar essa figura tão referenciada, no ocidente ao espaço doméstico ou a comunidades ligadas a tradições orais em florestas e meio rural, também na cidade, nas metrópoles, que se forma em tradição letrada, dentro de contextos profissionais (educacionais, artísticos, terapêuticos), que vem buscando em pluralidade de sentidos e justificativas, atender a necessidade da experiência de se encontrar para contar e escutar histórias. Outra contadora de histórias e pesquisadora parceira que encontro nesse trilhar é Aline Cântia (2021), que inclusive vai cunhar o termo “narração artística” para diferenciar a atividade, o ato de contar história, da performatividade do

cotidiano para uma proposta criada e feita com propósitos artísticos. Diz a autora, “Ao pensarmos a narração como um fazer humano, comunicador de experiências, de processos sociais, educativos, filosóficos, históricos, literários, científicos e estéticos, queremos apresentar modos de fazer que contribuam para fortalecer a narração de histórias enquanto uma linguagem artística.” (CÂNTIA; CHAGAS, 2021, p. 8). O interessante pensado por Cântia (2021) é que ao traçar essa diferença, ela não cria fronteiras, nos faz o convite para trazer aquilo que fazemos nos espaços de socialização e reecantamentos do cotidiano, para uma perspectiva que possa ser carregada, moldada, e criada artisticamente, sem criar escalas de melhor ou pior, menos ou mais sobre um tipo de narrar do outro. Assim como Tierno (2017), Cântia (2021) está interessada na complexidade das interações que as histórias contadas oralmente podem fazer nos encontros entre as pessoas e as comunidades.

Comungo desse interesse e o penso na experiência das cidades em suas complexidades ou compleCidades (TIERNO, 2017), compreendendo que a diversidade de formas de existir dentro da cidade são tantas, que a própria ideia única de cidade é restrita e redutora, ultrapassada e de manutenção de uma perspectiva de um olhar hegemônico (CERTEAU, 2011). Não dá mais para falar de uma cidade no singular. Pensar em cidades no plural mesmo, ou nos singulares que as muitas cidades geradas pelas experiências de seus seres que as vivem. As cidades e as geografias que acabam sendo resultado dessas dinâmicas e experiências de vida em suas contradições, negações, impedimentos, desvios, marginalizações, silenciamentos, opressões, dificuldades, inacessibilidades, tentativas, remoções, brechas e ressignificações. Pode ser a experiência da cidade a partir da escala de uma criança branca de classe média do bairro do Bom Retiro em Curitiba, que fica dentro de casa e passa a maior parte

Percursos artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

do tempo olhando o mundo entrecortado por janelas de quarto, sala, cozinha, carro, sala de aula, pátio da escola, carro, cozinha, sala e quarto. Ou a experiência de mundo a partir da perspectiva de trabalhadores que se deslocam todos os dias de Colombo para Curitiba, chegando no Terminal Guadalupe; ou da perspectiva de quem recebe um olhar sexualizado para seu corpo vulnerável; ou das pessoas em situação de rua... e se pensarmos para além da experiência dos corpos humanos e extrapolarmos para o de outros seres? Por exemplo as experiências dos cachorros abandonados e seus percursos pelas ruas. Das plantas que margeiam os rios transformados e cobertos pelo urbanismo “modelo”, pelos pássaros que voam pela cidade (que desenhos suas rotas fazem sob nossas cabeças?). São tantas e tantas experiências de cidades concomitantes, entrecruzadas e conflitantes. Olhar e experienciar essas tantas e inúmeras cidades, essas muitas geografias ordinárias e cotidianas (MASSEY, 2005) pode ser uma tentativa de se aproximar e abordar para poder contá-las (LINDÓN, 2012). Que histórias essas cidades têm para contar?

Alicia Lindón (2012) e Joseli Silva (2020), por caminhos diferentes falam sobre uma mudança de perspectiva em termos epistemológicos nas geografias que fazemos. Que ao sairmos de uma visão geográfica hegemônica sobre a cidade, a vida, sobre o mundo vivido, a pluralizamos deslocando-a para as perspectivas dos nossos corpos. As muitas geografias que surgem a partir disso nos fazem um convite, apontado por Lindón (2012), para olhar as narrativas que aí existem. Para Lindón (2012), voltarmos-nos para os aspectos narrativos, descritivos e narrar essas geografias, pode ser uma das saídas epistemológicas que a ciência geográfica tem a enfrentar. Acrescento à autora que essa possa também ser uma saída de forma a encarnar as distintas experiências em relação aos espaços, para dar conta e se aproximar dessa profusão e pluralidade. Enquanto lia a professora Lindón (2012), no seu texto

sobre Geografias Imaginárias, parecia que escutava sua voz me convocando para contar essas geografias. Num diálogo imaginário me via diante dela perguntando:

– Professora, que histórias essas cidades têm para contar?

– Quais histórias escutar? – ela me responderia perguntando – Você não é um contador de histórias? Conte o que você tem para contar. O que você deseja contar?

No diálogo imaginário em eterno looping, a professora Lindón ecoa com as perguntas que mobilizam esse corpo que aqui fala contigo. Esse mesmo corpo contador de histórias, e que anda em busca de histórias e experiências para contar.

As perguntas latejantes na alma fazem o corpo mover-se pela rua, no desejo de querer botar o corpo, esse corpo contador de histórias e desejoso na escuta das histórias a serem contadas. Essas mobilizações vêm me acompanhando há algum tempo, elas me fizeram pensar num projeto artístico, que é o Percursos Afetivos – projeto de narração de histórias itinerante com bicicletas pela cidade –, em que conto histórias enquanto pedalo por determinados trajetos. Cada trajeto tem suas respectivas narrativas criadas por mim a partir das escutas dessas cidades encarnadas pelas pessoas, animais não humanos, construções, monumentos, árvores, rios, e o que mais possa compor a possibilidade da experiência espacial de espaço urbano. O projeto tem esse caráter transdisciplinar de narração artística, *site-specific*, (SITE, 2022), performance e literatura, com questões ligadas ao cicloativismo, mobilidade ativa e Geografia. Justamente foi a partir de uma das primeiras performances do projeto, que por indicação, fui conhecer o LATECRE (Laboratório, Território, Cultura e Representação) na UFPR, onde iniciei os estudos sobre as relações entre Geografia e Arte, o que me levou a querer aprofundar mais e seguir no Programa de Pós-graduação em Geografia. Fiz esse pequeno desvio também pa-

Percurso artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

ra expor aqui parte do processo que me faz conectar o fazer geográfico e o contar histórias, e o quanto eles têm caminhado entrelaçados.

Mas voltemos às perguntas mobilizadoras que me levaram para pedalar em escuta pelas histórias da cidade, para poder contar essas experiências, essas geografias. O projeto artístico seguiu e segue o seu caminho com suas apresentações e criações. No entanto, parte do seu processo e de sua metodologia se embrenhou na tese de doutorado. No equilíbrio da bicicleta, em movimento, no percurso em deslocamento, escolhi um grupo de pessoas para acompanhar, que seguiram trabalhando durante as restrições sanitárias de distanciamento e isolamento social impostas pela pandemia do novo coronavírus, e que foram fundamentais à sociedade durante boa parte desse tempo... ao mesmo tempo borradas pela paisagem urbana, borradas pela precarização das suas condições de trabalho. Falo de ciclo-entregadores. Pessoas que usam a bicicleta para prestarem serviços de coleta e entrega de bens e restos de consumo. Alguns trabalham cadastrados em aplicativos, outros para grupos de empresas de ciclologística, outros se juntam em pequenas cooperativas e tentam furar a bolha gerada pelos grandes empresários... Me movo pela cidade com bicicleta, seguindo essas pessoas, no árduo e tão precário trabalho, nos carregamentos de peso, pelos quilômetros pedalados de um lado ao outro, no suor que nenhum real paga, e que o capitalismo nomeia como força-de-uma-pessoa-resiliente-empreadora-parceira-de-uma-grande-marca-grafada-em-mochilas-de-isopor. Ao longo dos percursos escuto suas histórias, seus sonhos, medos, frustrações e assim como vão levando a vida. A conversa é constantemente interrompida por carro que atravessa, pelo desvio na rua, pelos ônibus nas suas vias exclusivas, pelo sinal que abre e a prosa fica em suspenso. Cada pessoa em sua bicicleta é uma experiência de cidade percorrendo a própria cidade. Cada ciclo-

entregador e sua **geograficidade** (DARDEL, 2015) cartografando com o seu pedalar e histórias contadas ao longo do caminho. Cartografando com esperanças, frustrações, medos e muitas incertezas sobre a vida. Do alto do meu selim, sentado respondo para a professora Lindón, que é esta perspectiva também, e cada pessoa que faz ciclo entrega é uma cidade, é uma Curitiba, porque são pessoas alijadas e precarizadas, são na menor escala uma representação da cidade em sua complexidade (SILVA, 2022). Os trajetos imperados pelas entregas guiam para cartografias marcadas pelo carregamento de comida, documentos, sapatos, remédios, composto orgânico, mas também poesia, desenhos, intervenções de lambe, pixos, músicas, e muitas vontades de fazer coisas. Enquanto pedalam, um mundo interno pedala a mil para dar conta da opressão, invisibilidade, exploração, silenciamento e apagamento. Adrenalina e endorfina na veia percorrendo corpos e sustentando um prazer ante a exploração. Suas histórias são arquivadas dentro do isopor neon com a grande marca de algum "l-alguma coisa" que não se importa com esse "eu" e nem o "nós". Uma mulher ciclo entregadora, que eu a chamo de domadora de vermelhões, me falou, que há muita entrega numa entrega que ninguém vê... Ela mesma, a que enquanto pedalava ao lado do "vermelhão"⁴ passava os dedos pelo ônibus, como uma domadora de leões acariciando a fera... Ou mesmo o rapaz que só pedala pelas calçadas porque tem muito medo da rua. Suas entregas são marcadas por calçadas esburacadas, irregulares, com gente andando nessas calçadas, que são mais margens de rua do que calçadas para pedestres, porque as cidades são planejadas para privilegiar os carros, e que podem matá-lo. Seu medo tem fundamento... ele pedala na margem da rua.

⁴ O "vermelhão" é o ônibus biarticulado que transita pelas vias exclusivas na cidade de Curitiba. São conhecidos pela sua cor e agilidade de conexão entre as estações em formato de tubos.

ENCRUZILHADA

Ao contar e escrever para você, que me lê aqui, evoco a memória, o imaginário e sobretudo o corpo para poder encarnar no gesto e na vocalização que em seguida vai para escrita. Esse mesmo corpo que tem tanto a experiência de quem conta, como também daquele que anda fazendo geografias. Ou melhor, que pedala fazendo geografias. O corpo da pessoa pesquisadora está em jogo, está aqui para ser testemunha e poder contar o que experienciou no encontro. No que viveu. Esse mesmo corpo do qual eu contei tantas histórias. Esse mesmo corpo ao contar para além das palavras, que no gesto cartografa no espaço os percursos e as espacialidades das histórias. Esses ciclo-entregadores e suas experiências se encarnam em palavras e gestos: é no acariciamento da domadora dos vermelhões; no caminho hiper desviante do imigrante errante que não entende português ainda; é no apontamento para o horizonte daquele que faz pausas para contemplar o mundo entre uma entrega e outra, dizendo “apesar de tudo, esse lugar é bem lindo não é?”; no jovem que diz que tem a cidade na palma da mão, que ele é um google maps, ele é um GPS... Não quero contar histórias de superação. Longe de mim. Bem longe. Essas histórias são complexas e têm muitas camadas. Essas histórias não falam de superação e não cabe em hipótese alguma serem romantizadas... São histórias que trazem durezas e quiçá resiliência... porque estamos falando de tentativas de sobrevivência nesse mundo. Assim como a minha, deste corpo.

Ao acompanhar e recontar aqui para vocês esses pequenos fragmentos, há algo que compreendo através do movimento, porque mesmo sentado enquanto escrevo, eu acabo falando, gesticulando no ar como uma fala. Estou em encontro ao que Diana Taylor (2013) vai falar sobre essa qualidade de conhecimento que pode se dar

através do aprendizado com o corpo nas performances, nas festas, nas manifestações culturais. Há algo que se aprende no movimento, porque o corpo encarna e mobiliza em linguagem. Em linguagens. Quando aqui trago para o narrar o que aconteceu, ao vocalizar, estou tentando apreender, ensinar algo sobre, e o corpo se torna essa potência de encarnação disso.

Vou parar por aqui, por enquanto. E mesmo que eu tenha me debruçado sobre essas histórias de vida a serem contadas sobre esses ciclo-entregadores e as suas **compleCidades** que trazem consigo, a pergunta sobre “quais histórias contar” não cessa. Somos bichos narrativos. Somos porque narramos e nos lembramos de quem somos, como nos diz Benjamin (2016). Há muitas histórias a serem contadas e muitas pessoas para contá-las. Cabe ressaltar que aqui não é uma defesa de uma nova metodologia a ser replicada. Ou que estou a desenvolver uma metodologia inovadora. Não é por aí. O que apresento e compartilho é um convite para seguirmos em escuta de consideração para o corpo de quem também faz a pesquisa, de quem está em interesse para o que experiencia. O convite para seguir a reflexão está para que esse fazer geográfico possa também estar imbuído da experiência artística e criativa de quem a faz, de quem a pensa. Onde pensar outras perspectivas geográficas e epistemológicas tenham em conta também a trajetória de vida daquela pessoa que está em pesquisa, porque o que é relevante está na possibilidade de fazer uma produção de conhecimento **com a experiência.** ☺

REFERÊNCIAS

ATTAR, Farid ud-Din. **A Linguagem dos Pássaros**. São Paulo: Attar Editorial, 1991.

Percursos artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ed. São Paulo: Brasiliense, 2016.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 45**: a temperatura na qual papel fogo e queima do livro pega fogo e queima. São Paulo: Globo, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1995.

CÂNTIA, Aline; CHAGAS, Fernando. **Narração Artística**: modos de fazer. Belo Horizonte: AbraPalavra, 2021.

CARRIÈRE Jean Claude. **Le cercle des menteurs** – contes philosophiques du monde entier. Paris: Pocket, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2011.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOUZOU, Olivier. **Jojo, la mache**. Rodez: Rouergue, 1993.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LINDÓN, Alicia. Geografías de lo imaginário o la dimensión imaginaria de las geografías del *Lebenswelt*? In: LINDÓN, Alicia; HIERNAUX, Daniel (Orgs.). **Geografías de lo imaginário**. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 66-86.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NEIDJIE, Bill. **Story about feeling**. Broome: Magabala Books, 1989.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**. Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PAPPIANI, Angela. **Povo verdadeiro**: os povos indígenas no Brasil. São Paulo: Ikorê, 2009.

SILVA, Joseli Maria. 'Relatos de Si': Eu, a Geografia e o Indizível no Campo Científico. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 173-189, 2020.

SILVA, Joseli Maria. Contos de 'corpos como espaço' e o desafio de transformar as vidas precárias em vidas visíveis. In: KOZEL, Salete; TORRES; Marcos; GIL FILHO, Sylvio (Orgs.). **Espaço e Representações**: acordes de uma mesma canção. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2022.

SITE Specific. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Itaú Cultural**, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5419/site-specific>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

TIERNO, Giuliano. Ensaio com a praça pública ou sobre o conto nas cidades complexas. In: TIERNO, G.; LIESENFELD, L. (Orgs.). **Narra-te cidade**. Pensamentos sobre a Arte de Narrar Histórias hoje. Bragança Paulista: A Casa Tombada Edições, 2017. p. 19-36.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Submetido em agosto de 2022.

Revisado em dezembro de 2022.

Aceito em fevereiro de 2023.